

Comportamento Semanal de Mercado

Informativo Assessoria Econômica

20 a 27 de maio de 2022 | www.abbc.org.br

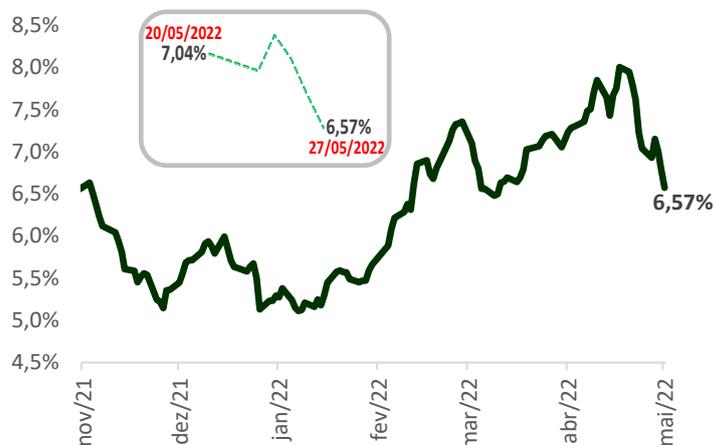


Inflação corrente e expectativas

Embora com desaceleração na margem, o IPCA-15 subiu 0,59% em maio, alcançando 12,20% em 12 meses. O resultado ratificou o balanço negativo para a inflação, em meio à natureza disseminada e generalizada das pressões. A inflação subjacente continua acelerando, com as diversas medidas distanciando-se ainda mais das metas (15,91% a.a. em alimentação, 8,36% a.a. em serviços e 12,71% a.a. em industriais). A preocupação com a disseminação da inércia inflacionária, a despeito do forte aumento da taxa básica de juros, preocupa pela contaminação das expectativas, ampliando as apostas de novos aumentos da Selic e da extensão do ciclo de aperto monetário em terreno contracionista. De acordo com as Projeções Broadcast, a mediana das estimativas para o IPCA em 2022 acelerou em 0,32 p.p. para 8,90%. Para 2023, horizonte relevante para a política monetária, subiu 0,20 p.p. para 4,50%, aproximando-se do limite da meta de 4,75%. Com a performance favorável da atividade que não parece sentir os efeitos do aumento da Selic, as estimativas para o crescimento do PIB para 2022 avançaram 0,25 p.p., em relação à divulgação anterior, alcançando 1,25%. Durante a semana, houve depreciação do dólar no mercado de câmbio internacional, com a diminuição da aversão ao risco, apoiada nos temores com a desaceleração do crescimento econômico nos EUA, o que deve levar o Federal Reserve a não acelerar o ritmo do aperto monetário. Porém, o cenário para a inflação segue preocupante, apesar do ligeiro arrefecimento, com o índice PCE atingindo 6,3% a.a. em abril (ante 6,6% em mar/22), enquanto a 2ª prévia do PIB norte-americano indicou retração de -1,5% no 1T22 em termos anualizados. O real encerrou a semana com apreciação de 3,04% frente ao dólar, com a moeda norte-americana cotada a R\$ 4,73 (+9,68% em 12 meses). A arrecadação federal seguiu com bom desempenho em abril, amparada pelo aquecimento no ritmo de recuperação da atividade, pelo componente inflacionário e pela alta dos preços das commodities, sobretudo do petróleo, somando R\$ 195,1 bi no mês, o melhor para o mês de abril desde 1995. Considerando a evolução do quadrimestre em relação ao mesmo período de 2021, deflacionada pelo IPCA, houve um crescimento de 11,0% da arrecadação total. Por fim, as sondagens de confiança apontaram melhora em maio, com exceção da construção, influenciadas pelo maior grau de abertura da economia e pela liberação de recursos pelo governo. Todavia, o cenário macroeconômico mantém-se desafiador para o consumo em meio às incertezas com o aumento da inflação, da taxa de juros, do endividamento das famílias e recuperação ainda lenta do mercado de trabalho. Os destaques da semana serão as divulgações do CAGED, PNAD, Balança Comercial, PIB do 1T22 e produção industrial, além do Livro Bege e mercado de trabalho nos EUA e vendas do varejo na Zona do Euro.

Expectativas

Inflação Implícita Em 12 meses

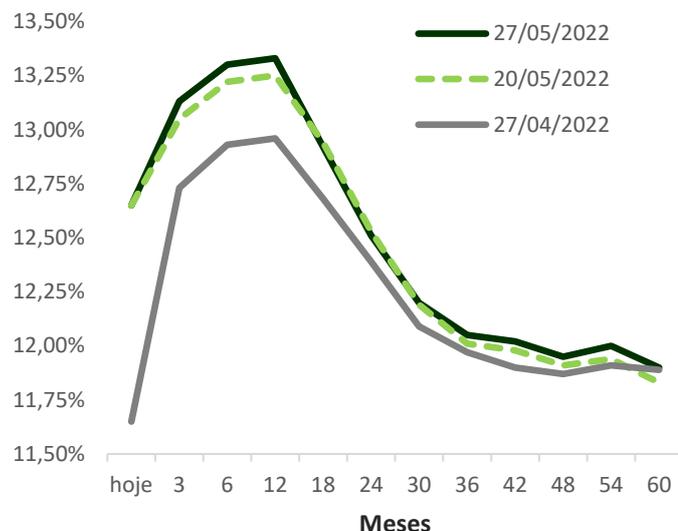


Fonte: Anbima. Elaboração ABBC

De acordo com as Projeções Broadcast para o PIB, SELIC, IPCA e Dólar de 27/05, a mediana das estimativas para o crescimento do PIB deste ano avançou 0,25 p.p., em relação à divulgação anterior (20/05), alcançando 1,25%. Entretanto, a mediana das projeções de crescimento do PIB para 2023 sofreu nova redução de -0,45 p.p. retornando ao patamar de 0,50%. Já a mediana das projeções para 2024 cedeu -0,10 p.p. para 1,85% em relação à última pesquisa. O índice para as projeções de mercado para a Selic permaneceu em 13,25% ao término deste ano, em 9,50% ao final de 2023 e em 7,50% no fim de 2024. A estimativa intermediária para a taxa de câmbio manteve-se estável em R\$/US\$ 5,00 ao final de 2022. Para o término de 2023 as estimativas recuaram de R\$/US\$ 5,10 para 5,08. Para 2024 houve elevação de R\$/US\$ 5,10 para US\$/R\$ 5,12. A mediana das estimativas de mercado para o IPCA em 2022 acelerou de 8,58% em 20/05 para 8,90%. Para 2023, horizonte relevante para a política monetária, a mediana das estimativas avançou novamente em 0,20 p.p. para 4,50%, aproximando-se gradativamente do limite superior da meta de 4,75%. Para 2024 a mediana das estimativas recuou -0,06 p.p. para 3,14%. Já a inflação implícita, embutida nas negociações de títulos públicos indexados ao IPCA, para o prazo de 1 ano recuou expressivos -0,47 p.p. para 6,57%. Para o prazo de 2 anos cedeu -0,23 p.p. para 6,36%, na semana entre 20 e 27/05.

Taxa de Juros

Estrutura a Termo das Taxas de Juros (a.a.)



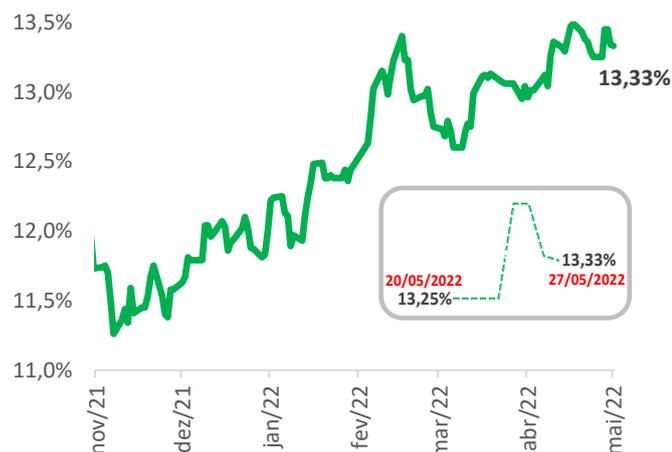
Em semana marcada pela divulgação da ata da reunião de política monetária do Federal Reserve, reforçando a premissa de um ritmo de aperto em 0,50 p.p. nas reuniões de maio e junho, ainda que sem demonstrar intenção de elevar os juros referenciais norte-americanos para patamar acima do neutro, e com alguns sinais de arrefecimento da inflação medida pelo PCE, a Estrutura a Termo da Taxas de Juros encerrou a semana perto da estabilidade, sem alterações relevantes na sua inclinação.

Assim, as taxas de juros dos prazos de 18 e 24 meses recuaram -0,02 p.p. cada uma para 12,92% a.a. e 12,51% a.a., na ordem. Enquanto as dos prazos de 36 e 48 meses apresentaram alta de 0,04 p.p. cada, para 12,05% a.a. e 11,95% a.a., respectivamente. No trecho mais longo de 60 meses a alta foi de 0,07 p.p. para 11,90% a.a..

No curto prazo, pesaram a precificação ajustada pelo mercado de elevação da Meta Selic em 0,50 p.p. na reunião do Copom de junho, bem como, a divulgação do IPCA -15 acima das projeções de mercado. Com isso, a taxa do *swap* DI prefixado de 360 dias exibiu alta de 0,08 p.p. fechando a semana em 13,33% a.a..

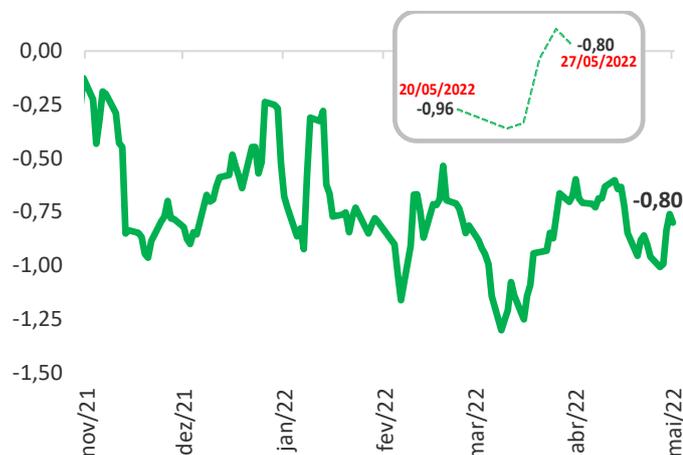
O *spread* da taxa de juros de 1 e 10 anos subiu em 0,16 p.p., para -0,80 p.p., no encerramento do dia 27/05.

Swap DI – Pré – 360 dias (a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos (p.p.)



Fonte: B3. Elaboração ABBC

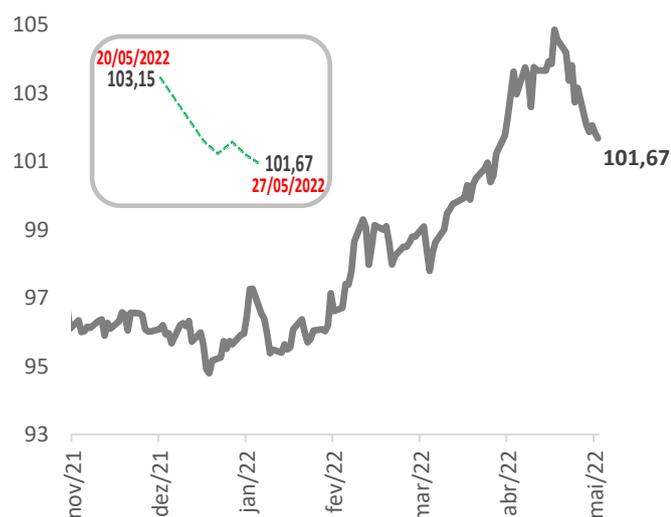
Câmbio

Real/US\$



Durante a semana, houve depreciação do dólar no mercado de câmbio internacional, com a diminuição da aversão ao risco, apoiada na maior preocupação com a desaceleração do crescimento econômico nos EUA, o que deve levar o Federal a manter as elevações de 0,50 p.p. na taxa básica de juros, sem acelerar o ritmo do aperto monetário. Nesse contexto, o *Dollar Index*, que mede a variação da divisa dos EUA frente às de países desenvolvidos, exibiu queda de -1,44% na semana, com destaques para as apreciações de 1,59% no euro e de 1,20% na libra esterlina.

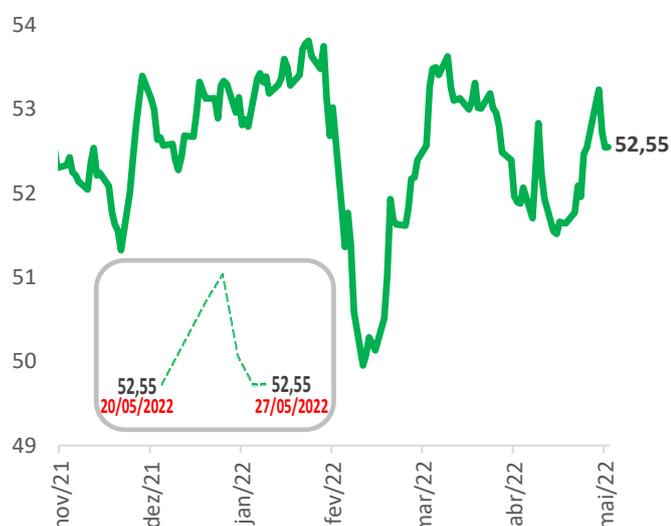
Dollar Index



Por sua vez, o índice que calcula o desempenho das moedas de países emergentes em relação ao dólar ficou estável no período, devolvendo a valorização do início da semana. O movimento refletiu, por um lado, a apreciação de 1,43% no peso mexicano e, por outro lado, as depreciações de 1,97% na lira turca e de 0,90% no peso argentino.

Com comportamento superior ao de seus pares de países emergentes, o real encerrou a semana com apreciação de 3,04% frente ao dólar, com a moeda norte-americana cotada a R\$ 4,73. Com isso, o real acumulou apreciação de 9,68% nos últimos 12 meses. Dessa forma, o Banco Central atuou no mercado cambial somente com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/2022.

Índice de Emergentes*



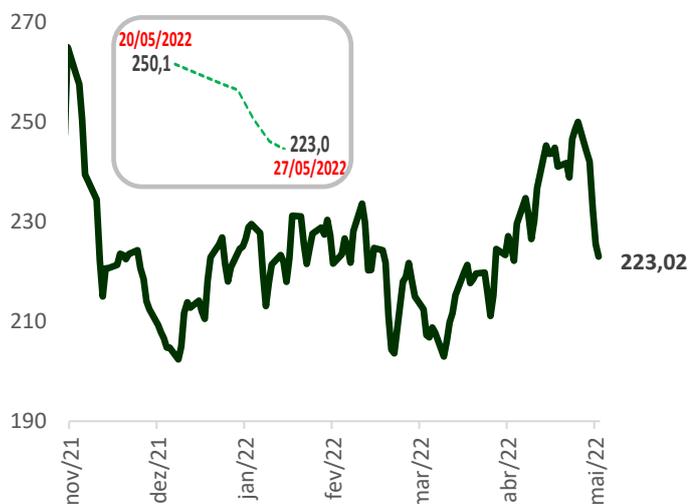
*Cesta de Moedas:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: J.P. Morgan/Bloomberg. Elaboração ABBC

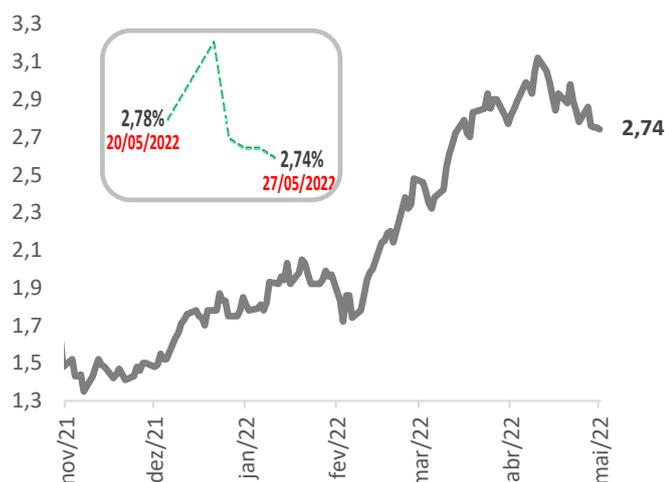
Aversão ao Risco

Credit Default Swap (CDS) Variação na semana



A semana apontou redução na aversão ao risco, com os agentes mais preocupados com o ritmo de crescimento econômico mundial, o que deve levar o Federal Reserve a sustentar o ritmo de aperto monetário nas próximas reuniões. A percepção foi ratificada pela ata da reunião, com um tom menos agressivo, com os dirigentes mais atentos com o aperto das condições financeiras. Assim, o risco soberano brasileiro, calculado pelo CDS de 5 anos, recuou -27,05 bps. na semana para 223,02 bps.. Ainda neste contexto, o rendimento das *T-Notes* com vencimento em 10 anos caiu -0,04 p.p. na semana, encerrando em 2,74% a.a..

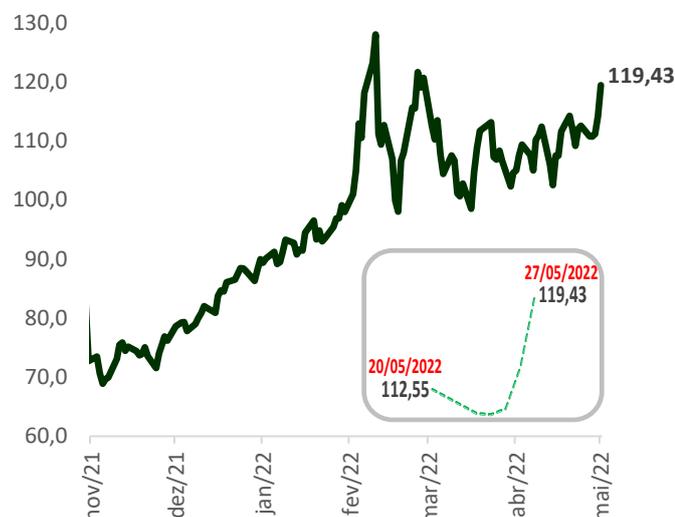
T-Note 10 anos (% a.a.)



A cotação do barril de petróleo tipo Brent subiu 6,11% na semana, fechando em US\$ 119,43. Com isso, acumula alta de 53,55% em 2022. A *commodity* continua com demanda apertada. Apesar da alta na demanda com a reabertura das atividades na China, pesaram mais as dúvidas quanto ao crescimento econômico mundial e a perspectiva de novos bloqueios da União Europeia contra o petróleo russo. Vale ressaltar que cresce a resistência de países europeus contra o bloqueio.

Petróleo

Brent última cotação US\$

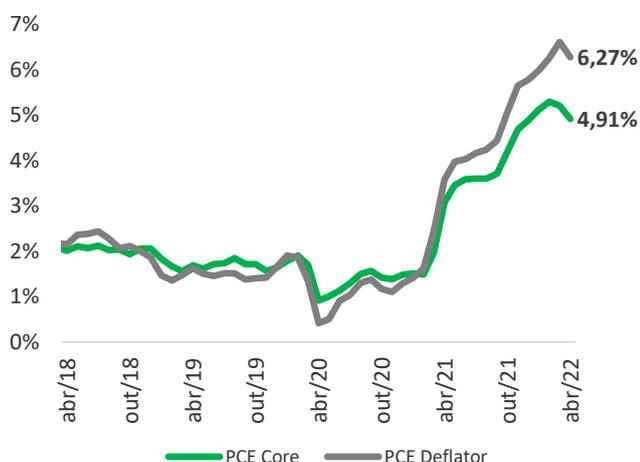


Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

EUA – Mai/22

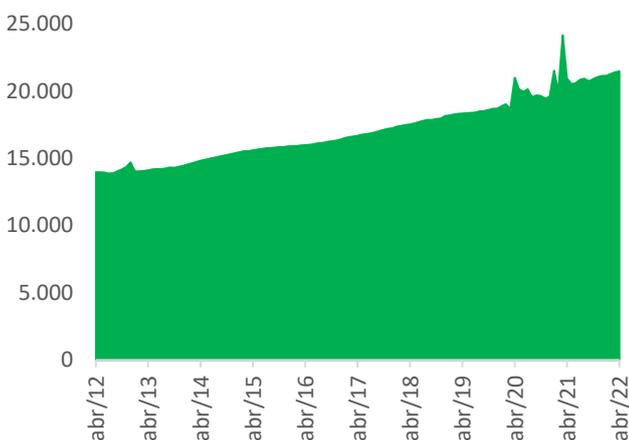
Personal Consumption Expenditures – PCE

Varição anual (a.a.)



Personal Income – Renda Pessoal

Em bilhões US\$ - dessazonalizado e anualizado



Fonte: Eurostat. Elaboração ABBC

EUA – Confiança do Consumidor



Fonte: US Department of Labor. Elaboração ABBC

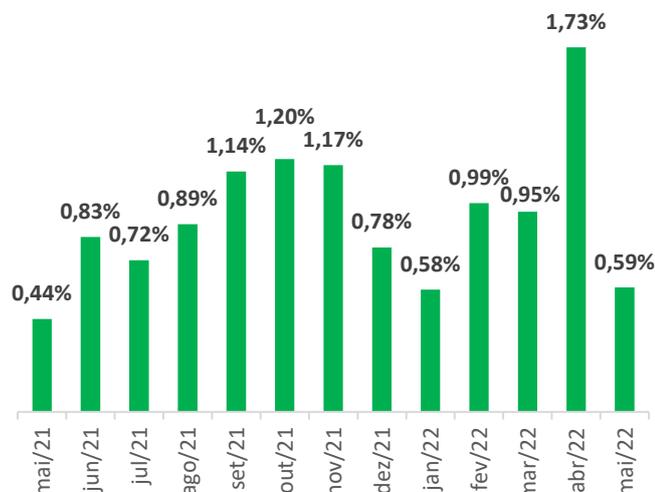
Demonstrando a disposição em combater a inflação recorde registrada nos últimos 40 anos, a ata da reunião do Comitê de Mercado Aberto (Fomc) do Federal Reserve indicou o desejo da maioria dos seus integrantes em mover tempestivamente a taxa de juros de referência em direção à neutralidade, sinalizando aumentos de 0,5 p.p. das taxas de juros nos próximos encontros de junho e julho. A conclusão foi de que uma taxa de juros mais restritiva, ou seja, focada em reabsorver liquidez e desacelerar a economia, pode ser a mais apropriada no combate à inflação. A decisão foi respaldada por um mercado de trabalho apertado, condição que pode se intensificar com a chegada do verão e a abertura econômica, inflação em patamar historicamente elevado, a persistência dos efeitos do conflito no Leste Europeu e lockdowns pela China com implicações nas cadeias de abastecimento globais. Em tom mais rígido, a ata do FomC considerou que uma remoção dos estímulos monetários permitirá à autoridade monetária monitorar os indicadores de atividade ao longo de 2022, de modo que possa avaliar a possibilidade de novos ajustes, se necessários, diante do declínio no panorama geral de atividade no 1T22, apesar dos gastos domésticos e dos investimentos seguirem firmes.

O índice de preços de gastos com consumo (PCE, na sigla em inglês) – medida de inflação usada para definição da política monetária pelo Federal Reserve - subiu 0,2% na margem, em abril. O núcleo do PCE, que exclui itens voláteis como alimentos e energia, avançou 0,3% no período, vindo em linha com as expectativas do mercado. Na comparação anual, o PCE subiu 6,3% em abril e seu núcleo aumentou 4,9%. Ligeiramente abaixo das projeções de mercado (0,5%), a renda pessoal nos Estados Unidos cresceu 0,4% na margem em abril. Enquanto os gastos com consumo cresceram 0,9% no mesmo intervalo, superando expectativas de elevação mensal de 0,7%. Ademais, os dados de gastos com consumo em mar/22 foram revisados para cima, de alta de 1,1% para ganho de 1,4%. O aumento na renda em abril reitera a robustez do mercado de trabalho norte-americano e é atribuído à elevação dos salários, tanto no setor privado quanto no público.

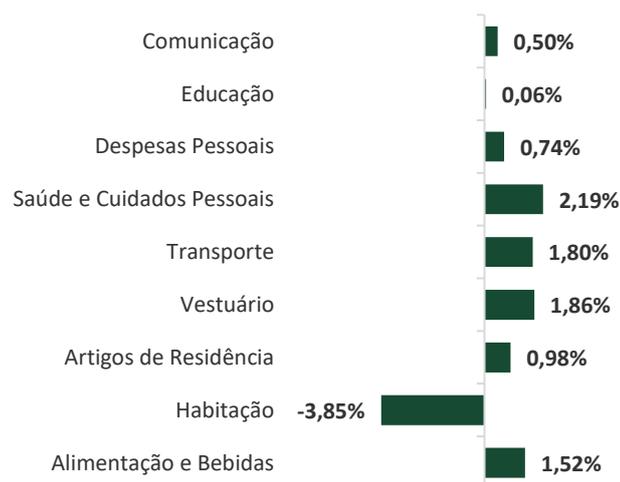
Já na sua 2ª prévia, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos retraiu-se em -1,5% no 1T22 em termos anualizados. Entretanto, com consumidores e empresas mantendo um ritmo sólido de gastos, essa contração ainda não é vista como um sinal de uma recessão, a despeito do indicador de confiança do consumidor nos EUA apresentar queda de -6,1 pts. na margem para 59,1 pts. em maio. Com relação a mai/21, o recuo foi ainda mais expressivo de -23,8 pts. quando alcançava 82,9 pts.. Com relação a fev/20, período pré-pandemia, a queda foi de -41,9 pts. (101,0 pts. em fev/20). Já o índice de gerentes de compras (PMI) composto dos EUA, que abrange as atividades industrial e de serviços, registrou queda de -2,2 pts na margem, encerrando mai/22 em 53,8 pts. (68,7 pts. em mai/20 – mais alto índice da série).

IPCA-15 – Mai/22

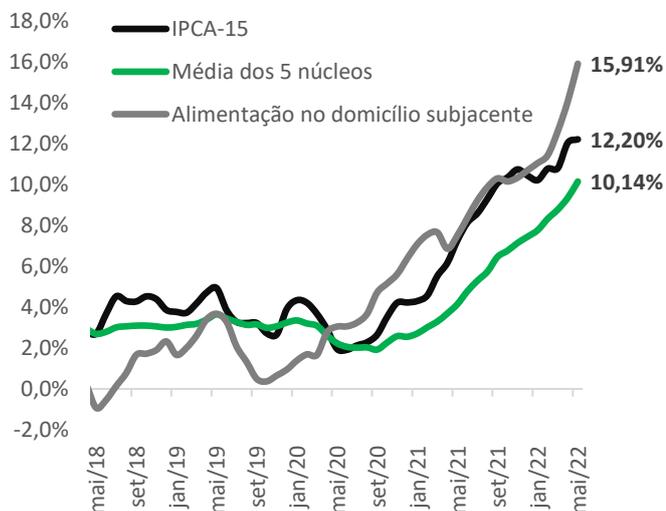
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Embora com desaceleração na margem, ao subir 0,59% em maio ante 1,06% em abr/22, o resultado do IPCA-15 superou as expectativas de mercado de 0,45%, atingindo a maior variação para o mês desde 2016. O índice acumulado em 12 meses acelerou de 12,03% em abr/22 para 12,20% em maio, devendo se manter acima de 10% pelo menos até agosto. Esse cenário ratifica o balanço negativo para a inflação, em meio à natureza disseminada e generalizada das pressões, o que vem acarretando revisões nas expectativas para a inflação e em aumento nos prêmios implícitos na estrutura a termo da taxa de juros.

As incertezas com a guerra no Leste Europeu, *lockdowns* na China e o risco de nova desmobilização das cadeias produtivas estimulam as tensões sobre o futuro dos preços, impondo maior atenção quanto à tendência da inflação.

No mês, houve aumento disseminado em todos os grupos de produtos e serviços, com exceção de Habitação (-3,85%), por conta da deflação em energia elétrica (-14,09%), refletindo a mudança da bandeira tarifária de escassez hídrica para verde. Todavia, os reajustes autorizados pela Aneel em 2022, em torno de 20%, mantêm a energia como um importante vetor de pressão inflacionária.

Com acréscimo de 1,80% no mês (3,43% em abr/22), o grupo Transportes exerceu o maior impacto (0,40 p.p.) sobre o índice total, alavancado, principalmente, por passagens aéreas (18,4%) e combustíveis (2,05%).

Impactado por problemas climáticos e o avanço dos preços das *commodities* agrícolas no mercado internacional, o grupo Alimentação e Bebidas, com alta de 1,52% (2,25% em abr/22) impactou 0,32 p.p. o índice, com a maior influência dos preços de alimentos para consumo no domicílio (1,71%).

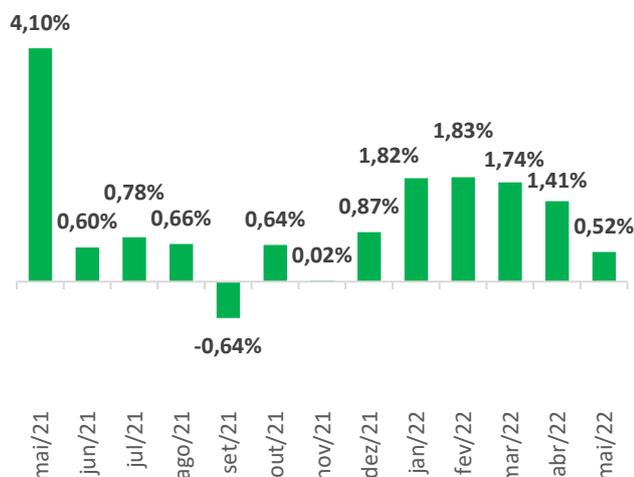
Aditivamente, observam-se pressões nos itens associados à inflação subjacente, que continua acelerando, com as diversas medidas distanciando-se ainda mais das metas, a saber: 15,91% a.a. em alimentação, 8,36% a.a. em serviços e 12,71% a.a. em industriais. A disseminação da inércia inflacionária traduz-se no elevado índice de difusão, que oscila ao redor de 75%.

Por fim, a média dos núcleos acompanhados pelo Banco Central (EX-0, EX-3, MS, DP e P55) também acelerou, passando de 9,34% a.a. em abr/22 para 9,34%.

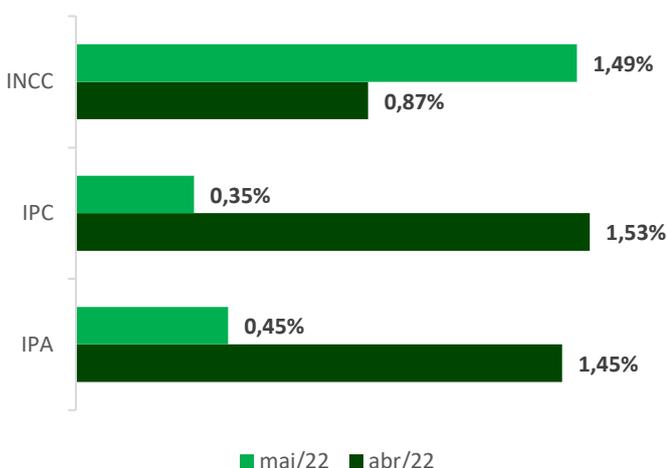
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

IGP-M – Mai/22

Variação Mensal



Varição Mensal Por grupo



Evolução Anual



Beneficiada pela moderação nos preços dos combustíveis, a inflação medida pelo IGP-M suavizou a alta para 0,52% em maio, após expandir-se 1,41% no mês anterior. O índice acumulou ganhos de 7,54% no ano e em 12 meses, houve desaceleração de 14,66% em abr/22 para 10,72% (37,04% a.a. em mai/21).

Desacelerando para 0,45% na margem (1,45% em abr/22), o IPA acumulou alta de 10,82% em 12 meses (50,21% a.a. em mai/21), ajudado pelo significativo arrefecimento nos preços do óleo diesel, de 14,70% para 3,29%, combustível de maior peso. Na abertura por estágios de processamento, a taxa do grupo Bens Finais arrefeceu de 3,10% para 0,51% em maio, com a contribuição do subgrupo combustíveis para o consumo (de 10,80% para 0,01%). No mesmo sentido, o preço dos Bens Intermediários passou de 3,40% para 1,40% em maio, favorecido por combustíveis e lubrificantes para a produção (de 12,04% para 1,21%). Por sua vez, os preços caíram menos no estágio de matérias-primas brutas, -0,58% em maio ante -1,82% em abr/22, impactado pelos itens: soja em grão (de -7,02% para 1,67%), milho em grão (de -7,22% para -3,62%) e cana-de-açúcar (de -0,45% para 3,81%). Vale pontuar que os custos com minério de ferro continuaram em queda (-4,71%) por conta da menor demanda chinesa e preocupações com a desaceleração econômica do país.

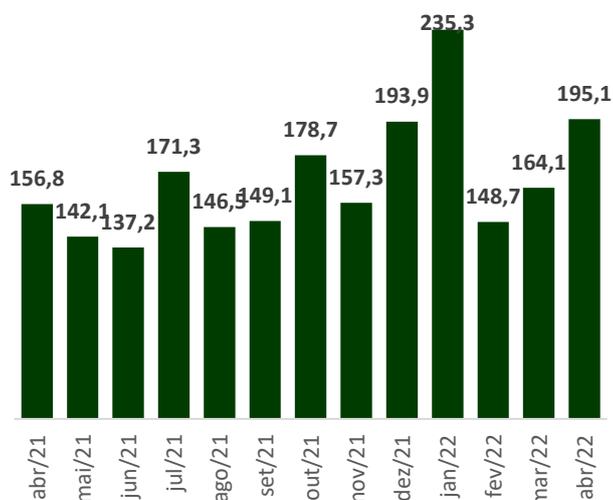
Também desacelerando em relação a abr/22 (1,53%), o IPC apresentou incremento de 0,35% em maio (10,09% a.a.), com 6 das 8 classes de despesas componentes registrando decréscimo em suas taxas de variação. Destaque para os grupos de Habitação (de 0,93% para -2,57%) apoiado pelo comportamento da energia elétrica residencial (de -0,91% para -13,71%) com a alteração da bandeira tarifária para verde e para Transportes (de 2,94% para 1,20%), com ênfase no item gasolina, combustível com maior destaque no orçamento familiar (de 5,86% para 1,01%).

Finalizando, o INCC acelerou de 0,87% para 1,49% em maio (11,20% a.a.), com avanço nos três componentes: materiais e equipamentos (de 1,35% para 1,67%), serviços (de 0,73% para 0,92%) e mão de obra (de 0,46% para 1,43%).

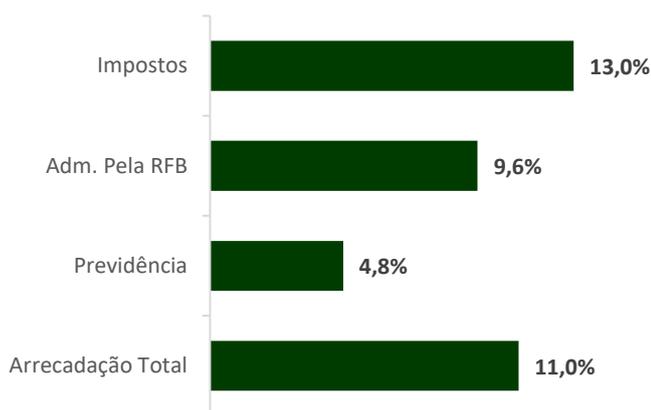
Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Arrecadação Federal - Abr/22

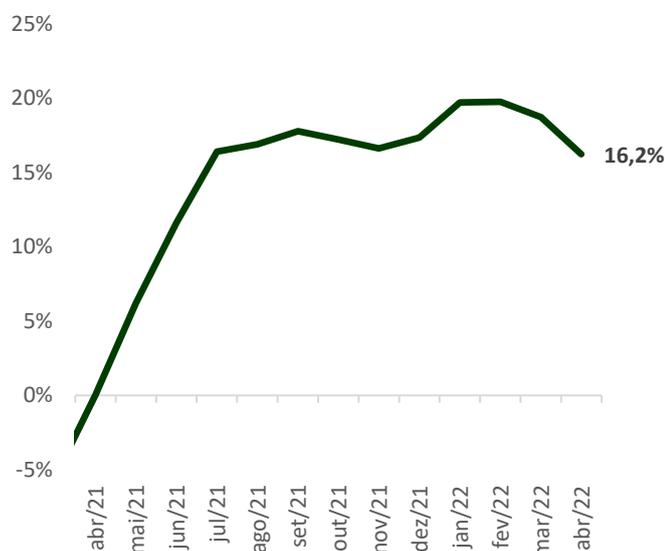
Arrecadação no Mês Em R\$ bilhões



Varição Real Acumulada no Ano Janeiro a abril – deflacionada pela IPCA



Varição Real Anual Acumulada em 12 meses – deflacionada pelo IPCA



A Arrecadação Federal segue apresentando um bom desempenho, amparada pelo aquecimento no ritmo de recuperação da atividade econômica e pelo componente inflacionário. Em abril, a Receita Federal arrecadou R\$ 195,1 bilhões via impostos e previdência, ante R\$ 164,1 bilhões no mês anterior e R\$ 156,8 bilhões em abr/21. Em termos reais, o resultado foi o melhor para o mês de abril desde 1995.

Considerando a evolução dos 4 primeiros meses de 2022 em relação ao mesmo período do ano anterior, deflacionada pelo IPCA, houve um crescimento de 11,0% da arrecadação total, decomposto em 13,0% nos impostos, 9,6% na receita administrada pelo RFB e 4,8% em previdência. Na mesma base comparativa, no período, destaques para as altas de 30,6% em CSLL e de 18,6% para IRPJ, ambos mais sensíveis à atividade econômica, e para as retrações de -9,8% para IRPF e de -14,1% em IPI, este último impactado pelas reduções nas alíquotas em vários produtos.

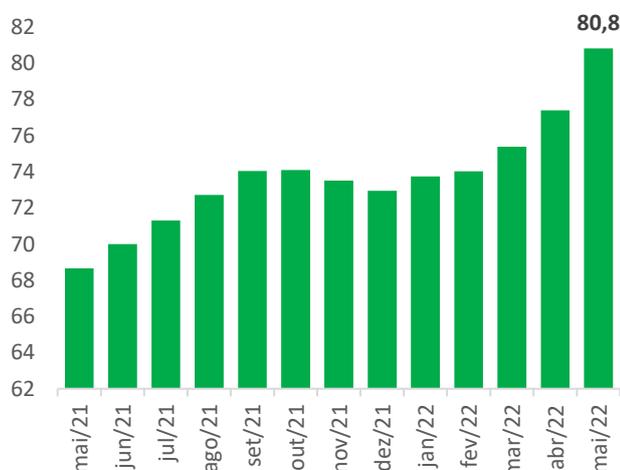
Ainda nos 4 primeiros meses de 2022, o governo deixou de arrecadar R\$ 29,5 bilhões em desonerações tributárias ante R\$ 24,5 bilhões no mesmo período de 2021. Somente no mês de abril, as desonerações alcançaram R\$ 10,2 bilhões, com maior peso para os cortes no IPI, renunciando a R\$ 2,0 bilhões e menos R\$ 1,7 bilhão em PIS/Cofins com a desoneração de combustíveis.

Apesar do bom comportamento da arrecadação federal, tal crescimento vem perdendo força desde o início deste ano. A variação anual da arrecadação acumulada em 12 meses, em termos reais, encerrou abril em 16,2% a.a. ante 18,7% em mar/22 e 19,8% em fev/22.

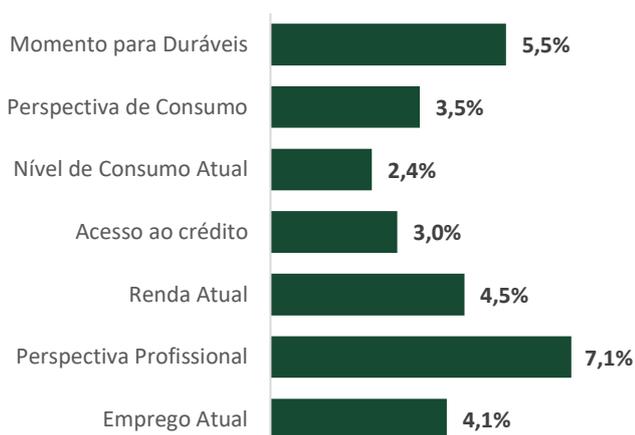
Fonte: Receita Federal. Elaboração ABBC

Intenção de Consumo das Famílias - Mai/22

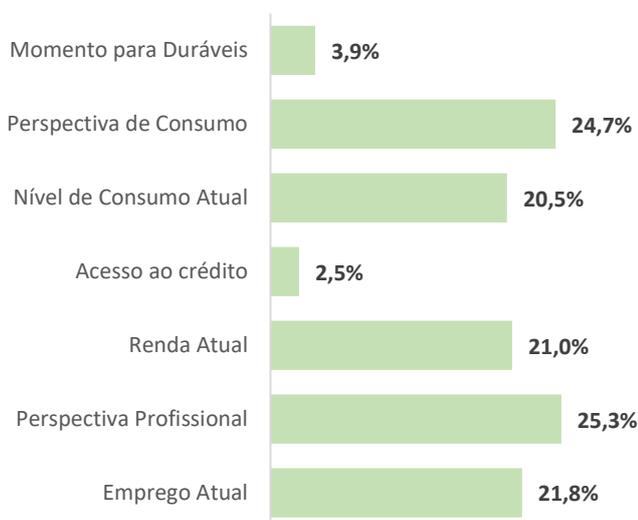
Evolução do Índice Nacional Série com ajuste sazonal



Varição Mensal Com ajuste sazonal



Varição Anual



O indicador de Intenção de Consumo das Famílias (ICF) apurado pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC) objetiva antecipar o potencial de vendas do varejo. O ICF mede o grau de satisfação e insatisfação dos consumidores em termos de emprego e renda na sua capacidade de consumo. Números abaixo de 100 pts. apontam uma percepção de insatisfação, enquanto os acima de 100 pts. (com limite de 200 pts.) indicam o grau de satisfação. O índice expandiu em maio pelo 5º mês consecutivo, alcançando 80,8 pts., avanço de 4,4% no mês, na série com ajuste sazonal, e de 17,7% em 12 meses. O estudo mostra que os consumidores enxergam as condições relativamente mais favoráveis em relação aos níveis críticos na pandemia.

O índice na série dessazonalizada alcançou o seu maior nível desde mai/20 (83,1 pts.), com alta na margem e na comparação interanual dos seus 7 componentes. Porém, permanecendo desde abr/15 abaixo do patamar satisfatório, com exceção da perspectiva quanto ao emprego atual.

No mês, as principais contribuições advieram da percepção de recuperação do mercado de trabalho, com o aumento de 7,1% na perspectiva de melhoria profissional para os próximos meses (99,3 pts.), de 4,1% no indicador do emprego atual (106,7 pts.) e de 4,5% na renda (91,5 pts.), também na série com ajuste.

Na abertura por faixa de renda, a intenção de consumo avançou de forma mais expressiva nas famílias com até 10 SM (4,8% a.m. e 18,5% a.a.) em detrimento das acima de 10 SM (2,8% a.m. e 15,3% a.a.). Todavia, ambos os índices se mantêm abaixo do nível de satisfação, com destaque para as famílias de menor renda, mais impactadas pela alta dos preços dos itens básicos.

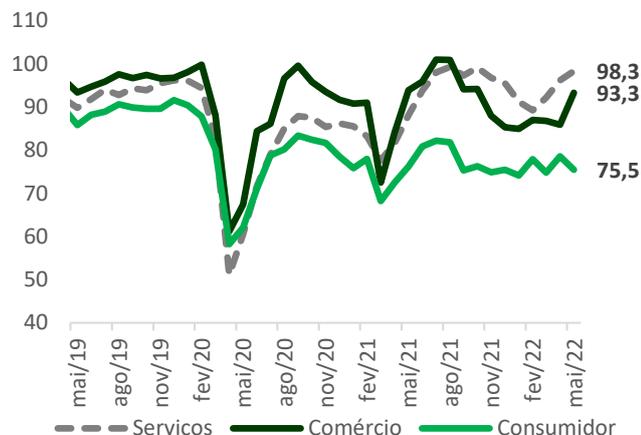
A despeito da incerteza em relação ao futuro por conta do crescimento da inflação, juros, endividamento das famílias e o conflito no Leste Europeu, as condições para o consumo se mostraram mais favoráveis, com o avanço de 2,4% no mês (20,5% a.a.) no nível de consumo e de 3,5% a.m. (24,7% a.a.) na perspectiva de consumo. Os componentes de acesso ao crédito e momento para duráveis cresceram, respectivamente, 3,0% e 5,5% no mês. Entretanto, com o aperto monetário expandiram-se a taxas menores em 12 meses, 2,5% e 3,9%, na ordem.

Fonte: CNC. Elaboração ABBC

Sondagens de Confiança – Mai/22

Índices de Confiança

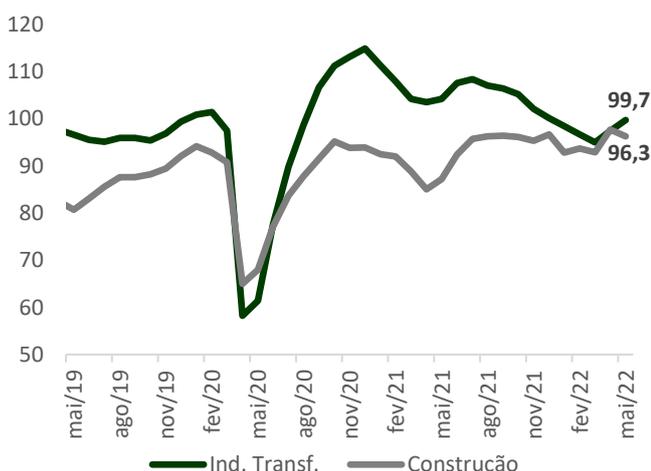
Dessazonalizados



As sondagens empresariais da FGV apresentaram alta na confiança em maio, com exceção da construção, influenciadas pelo maior grau de abertura da economia e pela liberação de recursos pelo governo. Todavia, o cenário macroeconômico mantém-se desafiador para o consumo em meio às incertezas com o aumento da inflação, da taxa de juros, do endividamento das famílias e recuperação ainda lenta do mercado de trabalho.

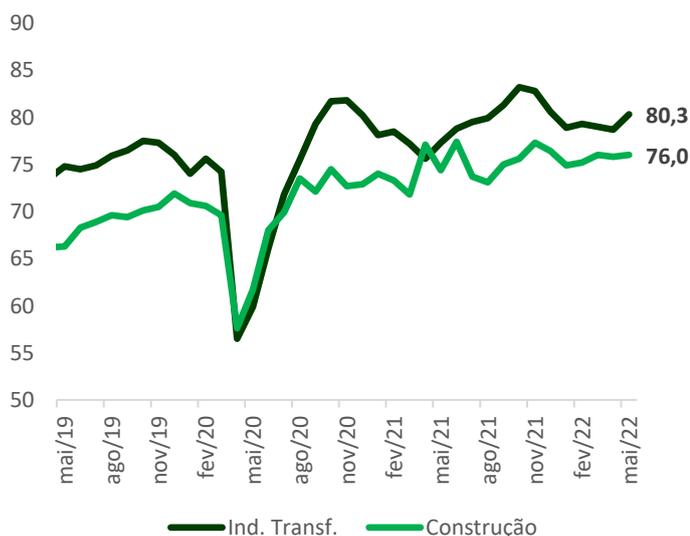
Índice de Confiança

Dessazonalizados



Com a alta mais intensa em um ano, 7,4 pts. em maio, a confiança do comércio atingiu 93,3 pts. na série dessazonalizada, após 2 recuos consecutivos, beneficiada por rendimentos adicionais como Auxílio Brasil, antecipação do 13º salário para aposentados e autorização de saque no FGTS. Houve melhora majoritariamente na percepção com a situação corrente (+8,2 pts.) em detrimento das expectativas para os próximos meses (+6,1 pts.). No mesmo sentido, a confiança no setor de serviços cresceu 2,1 pts. (98,3 pts.) alcançando o maior nível desde out/21 (99,1 pts.) beneficiada por avaliações positivas das empresas em relação ao momento presente (+2,1 pts.) e as expectativas (+1,9 pt.). A indústria de transformação avançou 2,3 pts. (99,7 pts.), pelo 2º mês consecutivo, com a melhora na percepção sobre a situação corrente dos negócios, sobretudo quanto ao nível atual da demanda externa. Já o índice de expectativas cresceu de maneira disseminada entre os setores, com recuperação mais expressiva nos produtores de bens não duráveis.

Nível de Utilização da Capacidade Instalada



Na contramão, o índice de construção caiu -1,4 pt. para 96,3 pts. revertendo parte da alta de 4,8 pts. em abril, refletindo perspectivas piores em relação à situação presente (-1,9 pt.) e à demanda para os próximos meses (-0,7 pt.).

Por sua vez, o índice de confiança do consumidor recuou -3,1 pts. em maio atingindo 75,5 pts., sob influência da queda de -5,1 pts. do índice de expectativas, enquanto o componente de situação atual manteve-se estável, com a inflação impactando negativamente as famílias.

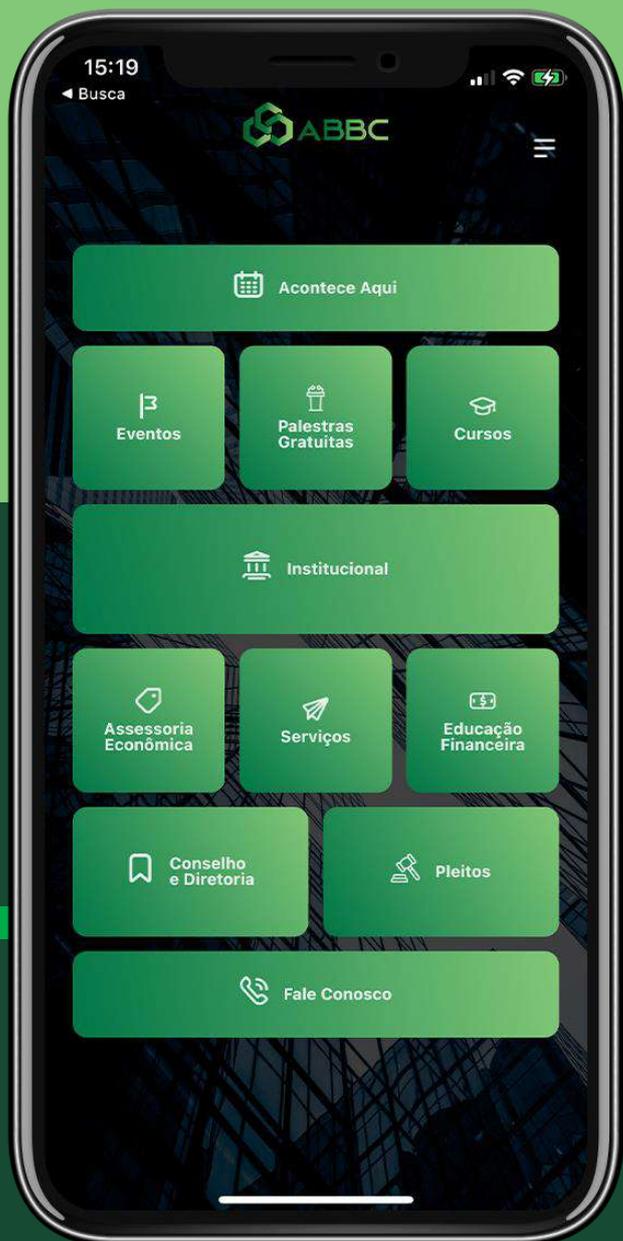
Finalizando, o Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) da indústria avançou 1,6 pt. e o da construção, 0,2 pt., para 80,3 pts. e 76,0 pts., na ordem.

Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2019	2020	2021	2022E	2023E
Atividade, Inflação e Juros					
PIB Real (% a/a)	1,2	-3,9	4,6	1,5	1,0
Crédito (% a/a)	6,4	15,6	16,5	8,9	6,6
Desocupação (% fim de período)	11,1	14,2	11,1	11,0	10,8
IPCA (% a/a fim de período)	4,3	4,5	10,1	8,4	4,3
IGP-M (% a/a fim de período)	7,3	23,1	17,8	12,6	4,5
Taxa Selic (% fim de período)	4,50	2,00	9,25	13,25	9,25
Setor Externo e Câmbio					
Balança Comercial - (US\$ bi)	35,2	50,4	61,2	64,0	51,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-65,0	-24,5	-28,1	-20,6	-33,7
Investimento Direto no País (US\$ bi)	69,2	37,8	53,3	59,0	69,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	4,0	5,2	5,7	5,1	5,1
Fiscal					
Resultado Primário (% PIB)	-0,8	-9,4	0,7	-0,5	-0,5
Resultado Nominal (% PIB)	-5,8	-13,6	-4,4	-7,6	-7,1
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	54,7	62,5	57,2	60,3	63,6
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	74,4	88,6	80,3	85,5	86,0

Fonte: ABBC



Baixe o app ABBC

E fique por dentro das novidades do mercado financeiro.



DISPONÍVEL NO
Google Play



Disponível na
App Store



Assessoria Econômica



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte –
Cerqueira César São Paulo –SP



Tel: (55) 11 3288-1688